

Cultura Programação do CAV com novo ciclo: *A vida, apesar Dela*

Centro de Artes de Coimbra com rock, arte pop e muitas artistas

A comemorar o 20.º aniversário, o Centro de Artes Visuais, agora com programação do curador Miguel von Hafe Pérez para o próximo quadriénio, apresentou ontem a sua programação

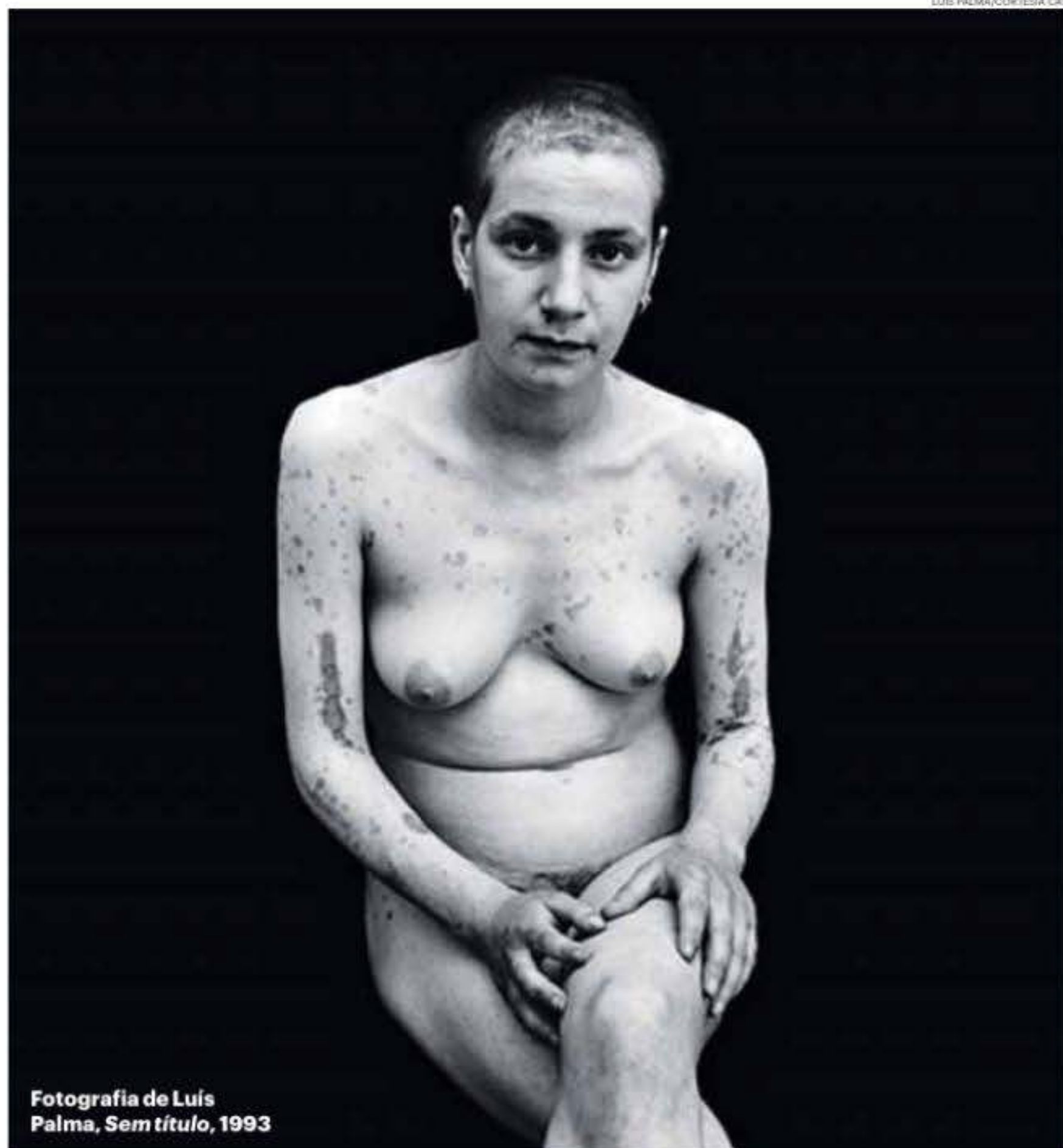
Isabel Salema

O director do Centro de Artes Visuais (CAV), Albano Silva Pereira, lembrou ontem que, se o CAV faz 20 anos, a verdade é que já são 40 anos de história em Coimbra, que começaram com os Encontros de Fotografia, em 1980. “Digo-o com toda a franqueza: é um grande milagre estarmos vivos. E ter um financiamento da Direcção-Geral das Artes [DGArtes] é para mim um verdadeiro milagre.”

São 300 mil euros anuais num horizonte de quatro anos, a que acrescem cerca de outros 100 mil euros da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), mas o CAV ainda está longe, sublinhou, dos 500 mil euros que o Ministério da Cultura (MC) lhe atribuiu, quando nasceu em 2003 e assinou um protocolo bipartido com o MC e a CMC. “Com este património e colecção única parece-me extremamente injusto”, acrescentou na conferência de imprensa também dedicada à apresentação do curador Miguel von Hafe Pérez, que vai programar durante o próximo quadriénio o CAV, sediado no edifício do Colégio das Artes, no Pátio da Inquisição. Miguel von Hafe Pérez, 55 anos, sucede a Ana Anacleto e ao ciclo *Museu das Obsessões* segue-se *A Vida, apesar Dela*.

O objectivo do CAV, agora que faz duas décadas, é ampliar os públicos, depois do trabalho de Ana Anacleto, que o director descreveu como “rico, diversificado, experimental”. “Coimbra é avessa à arte contemporânea. É difícil trabalhar com estes públicos, incluindo com a universidade.”

Miguel von Hafe Pérez, que dirigiu entre 2009 e 2015 o Centro Galego de Arte Contemporânea e iniciou o seu percurso profissional em Serralves, preocupou-se em trazer um “pensamento diferente”. Uma das suas preocupações, a que dedicará uma série de colóquios, a começar já este ano, é discutir o que determina o desenho das programações em instituições públicas e privadas. “Uma das questões centrais das entidades programadoras é a política de gosto. Até que ponto o Estado, as autarquias e as instituições culturais devem ter uma política de gosto? Há um protagonismo evidente do gosto dos programadores.” São programações em que estão “quase permanentemente presentes” as questões de género ou pós-coloniais. “Temos de ter o direito a olhar primeiro para a obra do artista



Fotografia de Luís Palma, *Sem título*, 1993

e depois construir a agenda.”

O curador nota um predomínio do biográfico em detrimento das questões artísticas e um afunilamento conceptual na programação proposta por muitas instituições nacionais. “Mais do que ser uma instituição a criar uma agenda é interessante apostar na diversidade e deixar que sejam os artistas e as obras a falarem da vida.” É o artista, e não a instituição, que deve decidir quando e como determinados assuntos devem ter importância no seu trabalho.

“Nem sempre de pendor político, nem sempre formalista, é ao autor que cabe a responsabilidade de viver no seu tempo sem dele ser refém”,

escreve o curador no texto que assina sobre o ciclo *A Vida, apesar Dela*.

Várias das abordagens presentes no ciclo não são novas no seu trabalho, como uma atenção às mulheres, nomeadamente através da sua participação na Porto 2001 – altura em que Ute Meta Bauer comissariou a exposição *First Story – Construir Feminino/ Novas Narrativas para o Século XXI* –, à relação da música popular com a arte contemporânea (*Velvetnirvana*, Pavilhão Branco, 2020) ou à possibilidade de a história da arte iluminar o presente (retrospectiva de Álvaro Lapa, Serralves, 2018).

No calendário de 2023, há exposições agendadas das artistas visuais

Questiona o curador Miguel von Hafe Pérez: “Até que ponto o Estado, as autarquias e as instituições culturais devem ter uma política de gosto?”

Judite dos Santos e Júlia Ventura (a dar atenção a períodos menos conhecidos das duas), Maria Capelo, tal como das jovens Inês Moura e Dalila Gonçalves, enquanto de artistas homens temos apenas a dedicada ao fotógrafo Luís Palma e outra a um nome histórico como António Palolo, concentrada na sua fase pop.

O curador afirma que não procurou definir uma espécie de agenda anti-agenda, explicou em resposta a uma pergunta do PÚBLICO, mas procurou mostrar diversidade e programar para vários públicos. Programar o CAV hoje não é o mesmo que programar o Centro Galego de Arte Contemporânea, “que tinha uma responsabilidade internacional que não é comparável à do CAV”.

Apesar de haver uma maioria de mulheres na sua programação, defende que é fácil que isso aconteça em Portugal devido à qualidade e relevância do trabalho das artistas mulheres desde a segunda metade do século XX. “Aconteceu de uma forma que não foi propositada nem propositiva. No que diz respeito a esta geração entre os 30 e os 50 anos, há imensos nomes de imensa qualidade a trabalhar, por isso é mais do que natural que aconteça.”

Se o CAV vier a encomendar projectos a autores jovens de origem africana – o que não se reflecte nesta programação –, um curador não deve “exigir” que estes, por causa da sua circunstância biográfica, abordem questões neocoloniais. “Um artista de Angola não pode ser abstracto lírico?”

O curador tem grande expectativa no envolvimento do público nas exposições que vão inaugurar-se já a 11 de Março, a primeira dedicada às fotografias inéditas da primeira digressão dos Tédio Boys nos EUA (1997), momento único desta banda *underground* de Coimbra visto pela lente do músico Victor Torpedo.

As fotografias de Luís Palma na exposição *Escuro* mostrarão o seu fascínio pelo mesmo território norteamericano, mas também incursões em Madrid, como as do concerto dos The Clash (anos 80).

Em 2023, o único momento da programação com nomes que não são portugueses chegará quando o curador olhar para a colecção do CAV, que, chama a atenção, “também é um museu” e detém uma das mais importantes colecções de fotografia.